



Padre Márlon Múcio

Autor *best-seller* com mais de 3 milhões de livros vendidos

O QUE FAZER COM OS LIMÕES QUE A VIDA TE DÁ

Como superar as adversidades pela graça divina

PREFÁCIO DE Padre Marcelo Rossi



 Planeta

RECHÔ ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Padre Márton Múcio

O QUE FAZER COM OS LIMÕES QUE A VIDA TE DÁ

Como superar as adversidades pela graça divina



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Márlon Múcio, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Renata Mello e Leticia Tèofilo
Projeto gráfico e diagramação: Anna Yue
Capa: Rafael Brum
Imagens de capa: elyaka/iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Múcio, Márlon
O que fazer com os limões que a vida te dá / Márlon Múcio. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2022.
224 p.

Bibliografia
ISBN: 978-65-5535-797-4

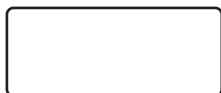
1. Múcio, Márlon – Biografia 2. Vida cristã I. Título

22-2875

CDD 922

Índice para catálogo sistemático:

1. Múcio, Márlon – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro e impresso pela Gráfica
Santa Marta para a Editora Planeta do Brasil em junho de 2022.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



FOTOGRAFIA ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA



PHOTO ANTICIPADO PARA O NOVO SAC. VENDA PROIBIDA



Sumário

Prefácio 17

O que fazer com os limões que a vida te dá 19

Você é o que faz dos seus limões 28

Pelos seus limões, você é um *guibor*! 35

A arte de saber sorrir apesar dos limões 41

Os limões são sagrados 48

Os limões são para o seu crescimento 53

Os limões que o capeta dá 59

É proibido reclamar dos limões 67

Não fuja dos seus limões 71

Rir do azedume do limão é um santo remédio 76

Rir da pessoa “limão azedo” é um remédio e tanto 79

O que você vai fazer com os seus limões? 84

Corte os limões. Curta os limões! 87

Nada de cara de limão azedo! 92

Ai de mim se eu não chupar esses limões! 98

Tomei uma decisão acertada sobre meus limões 101

Eu fico com os limões, e você? 106

Quem tem alguém para dessedentar suporta qualquer
tipo de limão 110

A limonada compensa o limão 114

O azedume do limão nos dá forças	119
Limões que derrubam gigantes	123
O limão é o seu rei?	126
Às vezes, a limonada amarga de novo	132
Ame os seus limões	137
Os limões são presentes de Deus	142
Os limões são meus	145
Se há limonada, é porque houve limão	149
Estou cada vez mais apaixonado pelos meus limões	153
Você só precisa de um limão!	157
O limão leva você às nuvens	161
O limão não nos mete freio	164
Só dei conta porque fiz muitas limonadas	166
Deus carrega e recarrega você nas limonadas	169
Faça a limonada o mais cedo possível	172
Eu vivo em busca de um pouquinho de adoçante no meu limão!	174
Dê de beber da sua limonada	178
Há vida que se esconde no limão	181
A minha melhor limonada	184
O limão nos acorda	189
Acolha seus limões de bom grado!	193
Pessoas “limão azedo” nos fazem bem!	197
Permita-se a limonada!	200
Posso ajudar você a espremer o seu limão?	202
Se não der para fazer limonada, faça musse de limão	205
Um limão de cada vez	208
Limões de novo?	211
O limão do vizinho é mais bonito	214
Vou continuar fazendo limonada	217
Conheça mais do trabalho do Padre Márton	220
Bibliografia	223



O que fazer com os limões que a vida te dá

"Eu não pensava, então, que era necessário sofrer muito para chegar à santidade. O bom Deus não tardou a me mostrar, enviando-me provas." (Santa Teresinha do Menino Jesus)

"Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável, devemos transformá-la; e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos." (Viktor Frankl)

Quem diria, hein? Descobri que sou milionário! Não, não estou na lista dos milionários da afamada revista Forbes. Eu me divirto brincando que estou na lista dos guerreiros (os *guibores*) da "revista Fortes". Olha, eu sou uma das pessoas mais ricas do mundo – mas calma, ostentação não é comigo, não, e já reservei uma boa parte da minha fortuna para você!

Sabe, eu já me considerava rico, bastante rico: de Deus, da graça d'Ele, do amor d'Ele. Dos bens deste mundo, não. Não tenho nada. Nunca me interessei por um relógio de marca, um celular de última geração, uma roupa de grife, um carrão (nem carro eu tenho). A felicidade, ensinou a madrinha Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, não consiste em possuir riquezas, mas em submeter humildemente a própria vontade à de Jesus, que dá a cada um o que sabe ser necessário à salvação de sua alma.

Graças a Deus, minhas únicas ambições são alcançar o céu, buscar a santidade, promover vidas, evangelizar. O céu é minha única ambição,

meu único limite. Meus limites não são os desafios que uma doença desconhecida me trouxe e traz. O céu é meu limite!

Em março de 2019, depois de nove anos de uma verdadeira via-sacra, uma peregrinação, uma odisseia em busca de um diagnóstico, muitas consultas com diversos médicos das mais variadas especialidades e inúmeros exames – muitos deles invasivos –, recebi uma notícia bombástica: o diagnóstico médico de que tenho uma doença rara!

Eu tinha 45 anos de idade e estava começando o segundo tempo do jogo da minha vida, no auge do meu ministério sacerdotal e missionário. Já tinha escrito quarenta livros que renderam três milhões de exemplares vendidos; tinha viajado em missão para dez países, anunciando o Evangelho de Jesus Cristo depois de ter evangelizado em muitos meios de comunicação e me dedicado a inúmeras obras de misericórdia ao lado de minha amada comunidade missionária; tinha ministrado para assembleias cheias de fiéis sedentos pela graça e pela nova vida encontrada em Jesus.

Gente, uma doença genética, neurodegenerativa, progressiva... e sem cura! Para a ciência, hoje, ainda não há cura. Há um tratamento para tentar reverter alguns dos terríveis danos que essa doença causa e quem sabe frear o seu avanço, mas ainda não se sabe tudo que o tratamento pode fazer por quem é acometido por essa enfermidade. Minha equipe de saúde fala em me dar “qualidade de vida”; algumas intervenções são feitas para me dar “suporte de vida” – traduzindo em miúdos, para eu continuar vivo!

A notícia dessa doença só não foi um golpe para mim porque a minha vida já estava, há muito tempo, totalmente mergulhada em Jesus. Até fiquei feliz em saber o que eu tinha: afinal de contas, eu poderia enfim me tratar! Eu queria me tratar para servir melhor aos irmãos no ministério sacerdotal e missionário que o Senhor e a sua Igreja me confiaram. Era o que eu pensava. É o que ainda penso.

Mas eu ainda não sabia quão rara era a minha doença. Fui conhecer os números mais aproximados apenas quase um ano depois, em 2020. Segura esta: tenho uma doença não apenas rara, mas ultrarrara, raríssima!

Chama-se Deficiência do Transportador de Riboflavina (RTD), ou Síndrome de Brown-Vialetto-van Laere (BVVL). Eu nunca tinha

ouvido falar dela, e você provavelmente também não. Sou um caso em um milhão de pessoas! Por isso, folgo em dizer que sou “milionário”. De cada um milhão de pessoas que nascem, apenas uma tem RTD. Na primeira descrição científica da doença, ela foi chamada de “forma infantil da Esclerose Lateral Amiotrófica” – ELA.

Em março de 2022, em todo o mundo, éramos apenas 327 pessoas diagnosticadas com RTD. No Brasil, contando comigo, são apenas doze (sete adultos e cinco crianças). Com certeza há um pouco mais de gente que ainda não foi diagnosticada, porque a doença é pouco conhecida, pouco estudada e pouco pesquisada; então, sua possibilidade é pouco aventada para um enfermo e sua família quando procuram atendimento médico.

De causa genética, a RTD é consequência de uma alteração no gene SLC52A3; trata-se de um erro inato do metabolismo e está classificada na CID 10 com o código G12.1. Atinei que convivo com a doença desde que nasci, pois ela já estava presente na minha carga genética, embora tenha se manifestado calmamente ao longo dos anos. Que eu saiba, sou o único caso em minha família.

E o que essa doença nos causa? A RTD provoca uma acentuada fraqueza muscular; uma fadiga incomum (ficamos muito cansados e até exaustos mesmo que não façamos nada, e descansar é muitas vezes vital); dores intensas e constantes; além de grandes desafios, sobretudo para respirar, andar, falar, comer, ouvir e ver. A RTD mexe com os músculos de praticamente o corpo todo, mas não interfere em nossa capacidade mental.

No meu caso, tenho bastante fraqueza para sustentar a cabeça, ficar de pé e andar, na cintura, nos músculos do rosto, no maxilar e para mastigar e engolir.

Graças a Deus, meus braços são bem mais fortes que minhas pernas e meus dedos continuam ágeis e fortes, o que me permite colocar o *notebook* sobre o colo, na cama, e continuar escrevendo meus livros e evangelizando pelas redes sociais. Literalmente troquei os pés pelas mãos! São as surpresas da vida.

Antes, eu vivia na “ponte aérea” Taubaté-mundo. Eu tinha rodinhas nos pés e estava sempre viajando pelo Brasil e pelo mundo, falando de

Jesus e da verdadeira e única vida que há só n'Ele, principalmente orando pela cura e libertação do sofrido povo de Deus.

Hoje, viajo o tempo todo (e apenas) de ambulância, abençoando, da rodovia, os carros que passam, as casas e as famílias no trajeto, os caminhos que percorro e seus caminheiros, que carregam eles também suas cruzes. Igualmente viajo de maca, ao longo da UTI do hospital, levando a bênção de Jesus aos meus irmãos que lá sofrem, de leito em leito, de quarto em quarto.

Minha fadiga é global, é no corpo todo. As dores são mais localizadas na traqueia, no diafragma e nas pernas. Minha visão diminuiu de maneira considerável nos últimos anos (muitas vezes, vejo tudo duplicado) e minha audição está bem comprometida: para falar comigo, o volume tem de ser alto e, frequentemente, eu ouço, mas não entendo! Duas pessoas falando ao mesmo tempo me causam uma tremenda perturbação, e fico atordoado quando ouço uma pessoa falando junto com a televisão.

Desde janeiro de 2021, lido com uma diarreia quase diária, o que me obriga a levantar da cama e ir ao banheiro mais de uma vez por dia (e já aproveito para a mamãe me dar banho). Essa movimentação é um martírio, pois me deixa muito cansado. O xixi eu faço na cama mesmo, no “papagaio”. Na UTI, quando a doença piora, o banho também é feito na própria cama.

Ainda há uma grande variedade de outros sintomas da RTD entre os pacientes, e a severidade da doença também muda muito de uma pessoa para outra. Ao longo de toda a vida, convivi com uma forma branda da doença sem que ninguém suspeitasse dela, nem mesmo os médicos! De 2014 para cá, a doença tem avançado bastante. A partir de 2021, então, nem se fale!

Hoje percebo que tenho sintomas da RTD desde os 7 anos de idade, quando fiquei completamente surdo dos dois ouvidos. Foi a primeira das quatorze cirurgias que já fiz e a primeira manifestação da doença. Na escola, nunca fui de fazer educação física. Preferia ficar lendo, estudando. Eu dizia que ficava cansado, mas ninguém via nenhum problema nisso... nem eu. Como eu era, graças a Deus, muito inteligente, ninguém se incomodava.